

Criativos negros periféricos do Rio de Janeiro: vozes ativistas como base para táticas em arte, moda e design

Cristiany Soares (UDESC, Brasil)

soarescrisf@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-7449-4136>

Dra Daniela Novelli (UDESC, Brasil)

daniela.novelli@udesc.br

<https://orcid.org/0000-0001-6981-8933>

Criativos Negros Periféricos Do Rio De Janeiro: vozes ativistas como base para táticas em arte, moda e design

Resumo: O presente estudo buscou identificar bases ativistas que promovem a valorização das culturas negras e periféricas do Rio de Janeiro por meio das práticas criativas nos campos da Arte, da Moda e do Design. Para tanto, adota uma abordagem qualitativa e descritiva, embasada em pesquisas bibliográfica, documental e de campo, incluindo entrevistas com criativos negros e periféricos, além da análise da plataforma *UmTok*, sob a direção criativa de Rafaela Pinah. Os resultados apontam plataformas digitais como alternativas para que sujeitos historicamente marginalizados enfrentem a colonialidade nos campos criativos, baseadas nas táticas de ciberativismo, quilombismo e afroempreendedorismo.

Palavras-chave: Arte, Moda e Design; Estéticas Negras e Periféricas; Ativismo.

Black Peripheral Creatives of Rio de Janeiro: activist voices as a basis for tactics in art, fashion and design

Abstract: *This study aimed to identify activist foundations that promote the appreciation of Black and peripheral cultures in Rio de Janeiro through creative practices in the fields of Art, Fashion, and Design. To achieve this, it adopts a qualitative and descriptive approach, based on bibliographic, documentary, and field research, including interviews with Black and peripheral creatives, as well as an analysis of the UmTok platform, under the creative direction of Rafaela Pinah. The findings indicate digital platforms as alternatives for historically marginalized individuals confront coloniality in creative fields, based on the tactics of cyberactivism, quilombism and afro-entrepreneurship.*

Keywords: *Art, Fashion and Design; Black and Peripheral Aesthetics; Activism.*

1. Introdução

Historicamente, as visualidades predominantes nos campos da Arte, da Moda e do Design foram construídas no Ocidente em torno de narrativas e referências estéticas eurocêntricas sob o *ethos* social da branquidade. No entanto, plataformas digitais emergentes vêm promovendo no século XXI certa reconfiguração nas maneiras de produzir, difundir e reconhecer conteúdos criativos com potencial de luta, insurgência e subversão. Sob a direção criativa de Rafaela Pinah, a plataforma *UmTok* propõe visualidades das periferias do Rio de Janeiro para o mundo, por meio de uma estética politicamente engajada e baseada em “táticas” (Certeau, 2002) de enfrentamento ao processo de colonialidade.

O presente estudo, que integra uma pesquisa de dissertação de mestrado em Design de Vestuário e Moda da Universidade do Estado de Santa Catarina, tem como objetivo identificar bases ativistas que promovam a valorização das culturas negras e periféricas do Rio de Janeiro por meio das práticas criativas de Arte, Moda e Design.

A pesquisa realizada classifica-se como qualitativa, descritiva e aplicada, cuja coleta de dados baseou-se nas pesquisas bibliográfica, documental e de campo, sendo esta última realizada por meio de levantamento com criativos negros e periféricos do Rio de Janeiro e Rafaela Pinah. Abordagens culturais, decoloniais e construtivistas contribuem para uma discussão crítica sobre plataformas sociais colaborativas no contexto digital e novas formas de agência e difusão em campos criativos protagonizados por criativos negros e periféricos do Rio de Janeiro – cuja escuta e interpretação de suas vozes foram fundamentais para a proposição de táticas ativistas voltadas ao enfrentamento do legado eurocêntrico e à valorização de suas produções estético-visuais.

Destaca-se a relevância desta pesquisa por justamente marcar a instância da criatividade enquanto “ato de resistência”, que transcende a expressão estética para se tornar uma prática estético-política, fomentando movimentos colaborativos de Arte, Moda e Design, a fim de fortalecer laços comunitários e ampliar a autonomia política, cultural e econômica das populações negras e periféricas.

2. Narrativas Ativistas: Rafaela Pinah e Criativos Negros e Periféricos do Rio de Janeiro

2.1 Plataformas Digitais e a Potência Difusora de Novos Agentes

Pode-se dizer que os campos da Arte, da Moda e do Design configuraram-se por excelência como *locus* contemporâneo negado às populações negras e comunidades periféricas, utilizando-se até bem recentemente de veículos tradicionais de comunicação (como revistas, jornais e programas de televisão) para disseminação de tendências e estilos alinhados às concepções da branquidade – termo adotado por Novelli (2014), em referência à expressão em inglês *whiteness* para chamar a atenção aos diversos privilégios históricos, socioculturais e simbólicos dos indivíduos brancos (Craveiro e Oliveira, 2018).

Publicações sustentadas por um *lifestyle* de luxo, como a *Vogue Brasil*, promoveram discursivamente estéticas alinhadas aos padrões de beleza europeus, construindo um cenário simbólico no qual corporeidades não brancas e periféricas tornaram-se vítimas de um processo de apagamento cultural, reduzidas a representações exotizadas, erotizadas (Novelli, 2014), ou ainda marginalizadas.

Esta perspectiva vem de encontro com a colonialidade (Mignolo, 2017), uma das facetas mais obscuras da modernidade que sustenta uma lógica civilizatória diretamente ligada à dominação, exploração e hierarquização de povos – e que, ao adentrar no campo do conhecimento, desqualifica por exemplo saberes indígenas e africanos. Quijano (2005) pontua que a colonialidade permanece como estrutura de poder baseada na imposição de uma classificação racial e econômica global, organizando em escala mundial o trabalho, o conhecimento e a autoridade. Assim, a classificação racial funcionou historicamente como um instrumento central para estruturar as relações de poder no âmbito global, integrando a dominação econômica, política e cultural que se originou no colonialismo e permanece viva nas dinâmicas capitalistas e eurocêntricas.

No entanto, a recente ascensão de mídias sociais colaborativas tem possibilitado o surgimento de novos agentes responsáveis pela difusão de conteúdos, cujas vivências de atores excluídos não se limitam mais à condição de subalternidade e emergem enquanto narrativas construídas por aqueles que vivem e protagonizam esses universos – tais como a experiência em bailes, momentos de lazer com amigos, expressões de fé e episódios de abordagens policiais e violência (Dos Santos, 2024).

Segundo Crane e Bueno (2012), processos alternativos de disseminação têm ganhado relevância, apesar da complexidade inerente ao fenômeno da

difusão. O modelo *trickle across* é incorporado ao debate sobre agentes difusores, caracterizado pela combinação de referenciais provenientes tanto de indivíduos considerados não intelectuais quanto daqueles legitimados como pertencentes às elites intelectuais (Almeida; Held, 2019). Característico da sociedade em rede (Domingues; Miranda, 2018), permite a adoção simultânea de tendências entre diferentes grupos socioeconômicos, reforçando a inovação por meio da projeção de personalidades que não se enquadram necessariamente no perfil de celebridades tradicionais, mas que são reconhecidas e valorizadas dentro de seus círculos sociais locais.

Abordar os campos em questão, a partir de uma ótica negra e periférica, constitui uma estratégia potencialmente transformadora para conceber e valorizar estéticas no Brasil (Nascimento, 2019). Na visão de Berth (2019), tal abordagem assumiria um papel político importante, ao contribuir para a ressignificação e a reconstrução da imagem social de indivíduos negros – assim como reinventar os imaginários da negritude e da africanidade (Gonçalves; Meirinho, 2020).

Para comunidades negras e periféricas, a comunicação colaborativa proporciona espaços de expressão e conexão e permite o compartilhamento de perspectivas singulares sobre moda, estilo e identidade. Se plataformas digitais se configuram como espaços propícios para a produção e o compartilhamento de conteúdos textuais e imagéticos entre indivíduos de diferentes localizações geográficas e culturais (Romano et al., 2013), considera-se vital o papel de novos protagonistas na difusão de culturas de Moda, Arte e Design – como Rafaela Pinah.

2.2 O ativismo visual de Rafaela Pinah: entre Plataforma e Casa UmTok

A plataforma colaborativa *UmTok*, desenvolvida pela estilista, antropóloga e diretora criativa Rafaela Pinah, reúne profissionais de distintas áreas com objetivo de produzir imagens de Moda que desafiem e transcendam os ideais hegemônicos da branquidade. Pinah conduz editoriais de forma representativa, com indivíduos majoritariamente da Zona Oeste do Rio de Janeiro, criando oportunidades concretas para que atores negros oriundos desta territorialidade se insiram nos campos de Arte, Moda e Design.

A fim de compreender a potência estético-política de suas produções visuais, bem como as percepções de criativos negros e periféricos sobre o impacto e a expressividade das imagens veiculadas, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com Pinah e mais cinco profissionais criativos – cujos critérios de escolha foram: a) serem criadores negros com produção estética de cunho ativista no contexto da valorização das culturas negras e

periféricas cariocas e/ou brasileiras; b) serem reconhecidos pela comunidade e/ou mídia na(s) qual(is) atuam como agentes difusores de comunicação nas áreas de Arte, Moda e Design; c) terem realizado trabalho(s) com a plataforma *UmTok*; d) estarem localizados em zonas periféricas do Rio de Janeiro (Dos Santos, 2024).

Sabe-se que as zonas Norte, Oeste e parte do Centro da cidade do Rio de Janeiro constituíram-se historicamente como territórios que sofreram processos de invisibilidade sociocultural e estética por um longo período, por não atenderem aos interesses e padrões de uma elite econômica carioca privilegiada simbólica, social e culturalmente, a partir de discursos produzidos por e para indivíduos brancos. Nesse sentido, o ativismo de Pinah possibilita compreender que a força motriz criativa para a materialização dos seus trabalhos está justamente dentro desses espaços.

Sou diretora criativa, *Stylist* e criadora do *Coolhunter Favela* e da *Casa Tok*. O escritório tem me libertado, me emancipado, afirmando o meu corpo enquanto uma travesti na moda. É um trabalho de pesquisa, um trabalho de pesquisa visual, um trabalho que eu venho remontar os imaginários. É uma pesquisa antropológica e etnográfica que eu venho falar da minha vivência, do meu cotidiano, como eu coloco né, o cotidiano em primeira pessoa, no primeiro lugar nos espaços [...] O Joãozinho Trinta tem uma frase que faz existência do meu trabalho, que é muito linda e engraçada. Ele fala que quem gosta de pobreza é antropólogo, o povo gosta de luxo e opulência, e o meu trabalho é sobre isso (Pinah, 2024, informação verbal).

A diretora criativa está à frente de dois projetos de grande relevância para a cidade do Rio de Janeiro, especialmente para a Zona Oeste: as plataformas digitais *Coolhunter Favela* e a *UmTok*, buscando reescrever o imaginário periférico por meio da fotografia de moda e do mapeamento de tendências produzidas nas territorialidades periféricas. Sua visão contribui para a reconstrução das representações culturais, estéticas e visuais dos territórios periféricos e de seus atores (Figura 1), desmistificando todo o imaginário social racista construído historicamente sobre essas representações e propagado pela cultura midiática (Almeida, 2019).

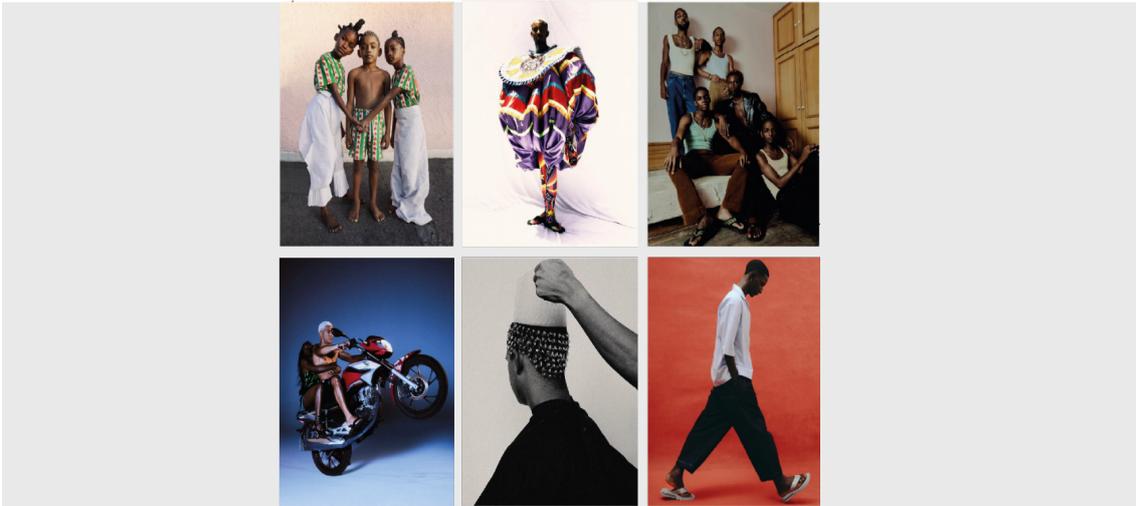


FIGURA 1. Corpos pretos e periféricos em produções de moda da plataforma UmTok. Fonte: Elaborado pelas Autoras, 2024.

A riqueza e a complexidade das vivências periféricas ganham centralidade e sua prática explora a opulência como expressão, reivindicando a exuberância enquanto elemento de resistência, bem como subvertendo narrativas que associam a periferia e seus corpos à carência e à precariedade.

As imagens são simplesmente sensacionais! Tipo, elas são tipo um espelho dessa cultura dos crias né, mas o legal é que ela não se afasta muito. Não traz uma pessoa que é totalmente diferente, sabe? É de um jeito autêntico, poderoso. Meio que eu vejo que ali fazem questão de mostrar o talento e a criatividade do subúrbio, das favelas... São imagens muito bem pensadas e executadas mesmo e dá pra ver um pouco de simplicidade, a verdade nua e crua mesmo (Entrevistado 5, 2024, informação verbal).

Outros entrevistados reconhecem uma representação singular das vivências periféricas, que ajuda a romper com estereótipos disseminados pelas narrativas hegemônicas. O Entrevistado 2 destaca a identificação pessoal com as imagens que capturam a essência das experiências periféricas e elevam a favela ao nível de excelência estética e simbólica, enquanto o Entrevistado 4 enfatiza a capacidade das produções de descortinar realidades invisibilizadas no Rio de Janeiro, ao educarem e desafiarem públicos externos a enxergarem os territórios periféricos a partir das suas potencialidades. Ambos concordam que o trabalho de Pinah transcende o registro visual, atuando como ferramenta de comunicação e transformação social nos campos da Arte, do Design e sobretudo da Moda.

O corpo da Moda proposto por Pinah é negro e periférico, evidenciando seu afastamento dos elementos simbólicos legitimados pelo *ethos* da branquidade (Novelli, 2014), e sua representação ganha potência no sentido comunicativo e estético-político justamente por estar inserida em um discurso visual constituído por imagens “não saturadas”, termo usado pela entrevistada.

Esses dias eu tava conversando com a minha equipe e a gente tava falando isso, desse desespero que às vezes o entretenimento e o artístico não entende né, o que a gente está fazendo enquanto preparação de Cultura. Às vezes o cara tá lá, tipo um artista com milhões de *views* e como ele pode ser uma pessoa de pensar no que ele tá vivendo hoje, como ele pode acelerar enquanto potência os trabalhos estéticos que têm acontecido dentro das periferias do Rio de Janeiro e não rola. Então, hoje, eu sou a pessoa, o calo no sapato, para falar: Gente, olha, a gente precisa acelerar essas movimentações, bem bonita, capa de revista, com uma imagem bonita não saturada. Não essa criança sem camisa, com nariz escorrendo porque já não é mais isso, não é essa criança correndo, não é um lugar de uma imagem filantrópica né. É o lugar de uma imagem assim áurea, com uma superpotência (Pinah, 2024, informação verbal).

As visualidades produzidas por Pinah fluem a partir do contexto periférico e retornam transformadas por novos caminhos de visibilidade e potência simbólica, estas se afastam de estereótipos, não seguem uma lógica linear e não retornam aos lugares de subalternidade impostos historicamente; operam em um fluxo contínuo de ressignificação e afirmação cultural – relacionando-se diretamente com o conceito de “transfluência” (Santos, 2023), um modo de existir e de se mover no mundo que rompe com a lógica linear, rígida e dualista característica do pensamento colonial da produtividade e da eficiência pautado em linhas retas. A transfluência opera na circularidade, no fluxo contínuo, na interconexão e no movimento, transformando sem se desconectar da origem.

A perspectiva de circularidade está presente na forma pela qual as produções visuais da plataforma *UmTok* dialogam com os espectadores, construindo um fluxo contínuo de identificação, educação e transformação. Ao serem questionados sobre a importância dos ciberespaços para a disseminação do seu trabalho, bem como uma alternativa para potencializar as narrativas negras e periféricas, os criativos entrevistados ressaltaram o impacto significativo que o *Instagram* e outras redes sociais têm em suas carreiras criativas; mesmo estando sujeitos ao controle mercadológico, o retorno positivo que

recebem é um grande estímulo para que continuem investindo na publicação de seus trabalhos na rede social.

A transfluência está aqui associada mais à perspectiva contracolonial do que decolonial, na medida em que a noção de decolonialidade é sobreposta pelo contracolonialismo (Santos, 2023). Este último sugere a subversão enquanto forma de enfrentamento ao discurso do colonizador para potencializar saberes e culturas que são vítimas da cosmofobia, compreendida por sua vez como uma espécie de medo ou rejeição da pluralidade de mundos, da originalidade e da conexão com o que é vivo, diverso e essencial. Neste contexto, o movimento contracolonial é apresentado como uma forma de enfrentamento da linguagem e dos sentidos impostos pelo colonizador, uma estratégia cujo objetivo é enfraquecer o próprio colonialismo, usando seus próprios termos como ponto de partida (Santos, 2023). Em outros termos, enquanto a decolonialidade propõe um afastamento crítico do pensamento colonial por meio da busca em construir alternativas epistemológicas e culturais, o contracolonialismo confronta diretamente estruturas e discursos coloniais.

A posterior criação da Casa UmTok, enquanto espaço físico de resistência e autoafirmação derivado da plataforma digital, é a expressão concreta do contracolonialismo, por se estabelecer enquanto território de enfrentamento simbólico e prático às lógicas cosmofóbicas e colonizadoras que historicamente marginalizaram as culturas negras e periféricas. Segundo Santos (2023), o contracolonialismo não se limita a uma crítica ou distanciamento do colonialismo, como na perspectiva decolonial, mas assume uma postura ativa e subversiva frente aos discursos e estruturas coloniais. Ao valorizar as particularidades culturais da Zona Oeste, promover acesso ao mercado de trabalho e estimular a autoestima de crianças negras, o projeto #QuartadeCria, integrado à Casa UmTok, atua na reconstrução de narrativas identitárias apagadas ou desvalorizadas (Figura 2).

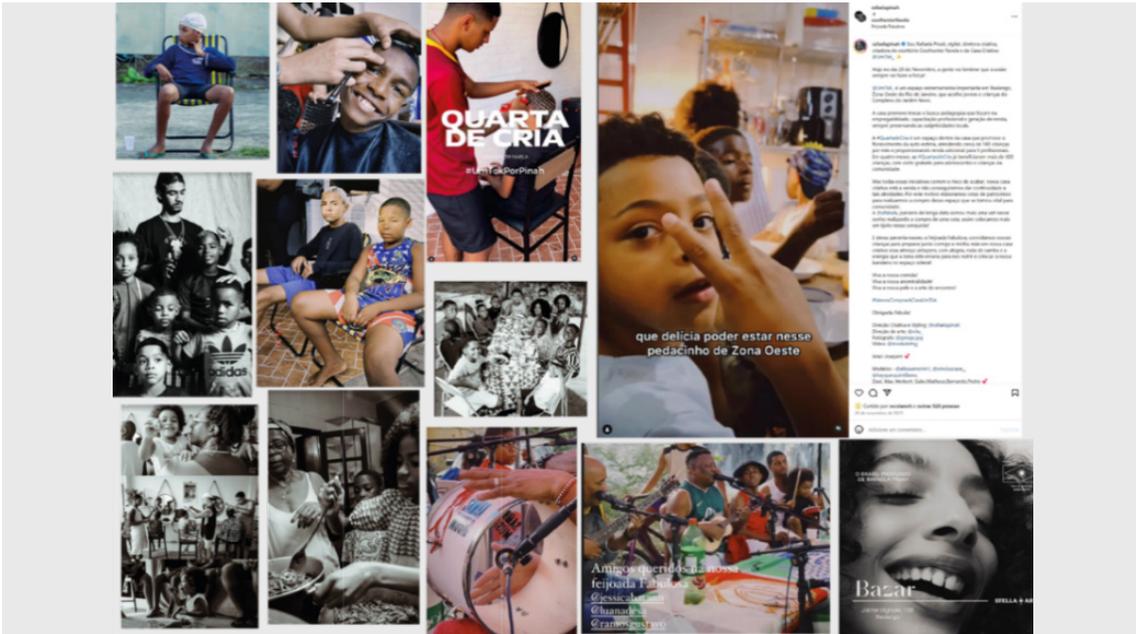


FIGURA 2. Corpos pretos e periféricos em eventos produzidos na Casa UmTok. Fonte: Elaborado pelas Autoras, 2024.

A Casa UmTok encarna a prática contracolonial ao conectar territórios digitais e concretos, ampliando o impacto das ações culturais. Rompe-se com o imaginário colonial, que associa a periferia à carência ou à criminalidade, e afirma-se uma estética própria ancorada na vivência negra e periférica – que se fortalece em sua singularidade, acionando a proposta contracolonial de subverter os signos do colonizador, trazer os saberes silenciados e ocupar linguagens e espaços com novos sentidos. A iniciativa liderada por Pinah atende mensalmente mais de 320 crianças, oferecendo mais de 684 horas de serviços dedicados ao fortalecimento da autoestima (Pinah, 2024).

Mas existe também um olhar revelador de uma perspectiva decolonial explorada por Pinah, ao impulsionar a superação de ciclos opressivos por meio de práticas educativas de desconstrução de paradigmas coloniais. Nota-se uma abordagem educativa estético-cultural decolonial, com visualidades baseadas em perspectivas não eurocêntricas. Os criativos negros e periféricos entrevistados se inspiram em elementos da diáspora brasileira para desafiar e desconstruírem padrões convencionais da mídia – como a cultura periférica, os bailes *funk*, as conversas com amigos, a observação da realidade, a estética pessoal e as experiências vividas dentro do contexto periférico – que influenciam diretamente a forma pela qual se expressam e se inspiram em suas respectivas áreas criativas.

Este movimento associa-se ao pensamento discursivo de Hall (2016), para quem todo discurso é um importante norteador para a produção de

conhecimento – portanto, o “escritório” tem um papel simbólico e material na formação e na disseminação do conhecimento, bem como de aceleração de potencialidades estético-culturais, negras e periféricas.

Eu gosto de me colocar como uma travesti. O que tenho feito com as redes sociais é reconstruir e reescrever narrativas sobre as periferias. Já se passaram quase 10 anos desde que comecei nessa jornada. Agora, quero me colocar nesse centro das atenções também com o *Coolhunter* e na *UmTok*, agora, em uma casa própria. Eu quero ser o centro desses dois projetos, quero que as pessoas entendam isso. É fundamental ser uma travesti nesses espaços da moda, que propõem criar novas visualidades e reconstruir imaginários (Pinah, 2024, informação verbal).

Tal declaração, ancorada por um marcador social de gênero que revela o lugar de fala de Pinah na perspectiva ativista, evidencia seu envolvimento na reconstrução das narrativas visuais relacionadas aos referenciais negros e periféricos no cenário da Moda. No contexto do Rio de Janeiro, os criativos entrevistados demonstram uma visão crítica sobre as barreiras enfrentadas por artistas periféricos na indústria criativa. Para o Entrevistado 3, estas são ainda mais rígidas para quem vem da Zona Oeste do Rio de Janeiro, onde as chances são mais escassas, assim como pontua o Entrevistado 5:

A cidade tem muitas alternativas culturais assim, cheio de oportunidades. Tem eventos diretos, exposições e pá... E foi muito isso que me fez sair de Niterói pra cá. É muito bom pra quem tá na cena artística e quer circular, ser visto assim. Mas por outro lado, a realidade é outra porque a gente sabe que acaba, tudo acaba caindo no mesmo ciclo, na mesma bolha. Pô, a falta de reconhecimento que a gente tinha falado e até mesmo de apoio, pra quem é artista da favela é absurda. Tem? Tem! Mas é muito mais complicado a gente conseguir espaço em eventos, em feiras... A maioria dos lugares privilegia os mesmos nomes já conhecidos e acaba deixando a gente de lado (Entrevistado 5, 2024, informação verbal).

O Entrevistado 1 ressalta a falta de oportunidades e sensação de exclusão não apenas no contexto do Rio de Janeiro, convergindo com a opinião do Entrevistado 4, que pontua dificuldades de acesso a oportunidades quando não se pertence a uma "bolha" social ou cultural específica. Já o Entrevistado 2 enfatiza a necessidade de manter outra ocupação além da artística para lidar com dificuldades financeiras.

3. Táticas para a valorização da criação negra e periférica nos campos de arte, moda e design

Embora apresentem desafios relacionados ao controle algorítmico e às dinâmicas de mercado, as redes sociais emergem como importantes espaços para criativos das periferias do Rio de Janeiro. Plataformas digitais, particularmente o *Instagram*, proporcionam maior visibilidade e superação de barreiras geográficas e estruturais. Kotler (2017) destaca a importância dos espaços na criação do senso de pertencimento e na promoção de trabalhos individuais, especialmente para minorias marginalizadas, visão corroborada pelas respostas de entrevistados que viam as redes sociais como ferramentas essenciais de divulgação e inspiração.

Nesse sentido, torna-se válida a noção de "tática" (Certeau, 2002) enquanto forma de insurgência micropolítica frente à colonialidade do ser (Maldonado-Torres, 2007), que nega historicamente à população negra e periférica o direito pleno de subjetividade, criação e dignidade. As táticas são modos improvisados e oportunistas de intervenção no espaço controlado por outros, realizados por indivíduos ou grupos que não possuem um "lugar próprio" de autoridade (Certeau, 2002), configurando práticas cotidianas de resistência e criatividade que não estabelecem um espaço próprio, movendo-se dentro do espaço do outro, ao aproveitarem as oportunidades momentâneas para subverterem ou se reapropriarem dos sistemas que as governam. Apresenta-se a seguir as práticas do tipo "tático" identificadas a partir do ativismo de Rapaela Pinah e criativos negros e periféricos de Arte, Moda e Design do Rio de Janeiro.

3.1 Ciberativismo

Plataformas digitais podem ser ferramentas importantes para movimentos ativistas, permitindo a organização e difusão de causas políticas e sociais (Resende *et al.*, 2015). Faz-se ainda importante atentar-se aos desdobramentos que estão sendo construídos por trás da relação entre cibercultura e ativismo, como por exemplo o ciberativismo – tática identificada na plataforma *UmTok*, que exemplifica como as tecnologias digitais podem ampliar as representações negras e periféricas a partir de vozes marginalizadas, apoiando a quebra de estereótipos e a reconstrução de narrativas estigmatizadas.

A própria ampliação da plataforma *UmTok* foi um movimento emblemático de empoderamento e transformação, proporcionado pelo ciberativismo – uma forma concreta de inclusão proporcionada pelo ativismo digital (Bandeira, 2022). Santos (2019), Maciel (2017) e Moraes (2001) ressaltam justamente que os espaços digitais permitem que vozes marginalizadas sejam

ouvidas, desafiando os monopólios das mídias tradicionais e promovendo uma diversidade de narrativas.

O ciberativismo torna-se portanto uma extensão das lutas socioculturais anteriores à *internet*, oferecendo novas oportunidades para movimentos marginalizados, especialmente minorias como negros e periféricos, para alcançar visibilidade e reconhecimento (Maciel, 2017). Ao promoverem reflexões decoloniais e valorizarem recursos locais por meio da criatividade, profissionais-ativistas contribuem para enriquecer a moda brasileira e torná-la mais representativa e plural.

3.2 Quilombismo

O conjunto das experiências dos entrevistados nos campos de Arte, Moda e Design revela a importância da criatividade enquanto ferramenta de expressão e resistência sociocultural e estética. Percebeu-se, no cenário criativo das periferias do Rio de Janeiro, desafios significativos enfrentados pelos profissionais negros, excluídos pela natureza centralizada da indústria criativa organizada em “bolhas”. A marginalização faz parte de um mecanismo estrutural de manutenção de privilégios e controle simbólico, na qual a centralização dos polos criativos em espaços elitizados reflete a colonialidade do poder (Quijano, 2005), organizando o mundo social a partir de dicotomias coloniais que naturalizam a marginalização de corpos e saberes racializados.

Entretanto, embora ainda periférica ao *mainstream*, a marginalidade cultural é hoje um espaço produtivo impulsionado por políticas culturais que promovem a diferença e a emergência de novas identidades (Hall, 2003). Com base nas teorias de Nascimento (2019), interpreta-se aqui como “quilombista” o movimento de construção de imagens de Moda alicerçadas em culturas negras e periféricas do Rio de Janeiro realizado por Pinah, uma vez que a diretora criativa busca valorizar as potencialidades conceituais e políticas dessas comunidades e engajar toda uma rede de agentes difusores representativos dessas culturas. Desta forma, a tática do quilombismo adquire *status* ativista no processo de compartilhamento, desenvolvimento, valorização e preservação dessas identidades.

Maciel (2017), Cury e Falcão (2017) reconhecem que as tecnologias digitais oferecem novas formas de expressão não disponíveis anteriormente, permitindo que criativos negros e periféricos narrem suas próprias histórias e, conseqüentemente, alcancem um público mais amplo. Novas estratégias de difusão ajudam a segmentar e engajar seguidores e consumidores, ainda que haja um desejo expresso por alguns criativos de serem reconhecidos pelas mídias mais tradicionais. Por sua vez, pontua-se que outros espaços

digitais, para além do *Instagram*, devem ser levados em consideração quando se pretende pensar na comunicação e na construção estético-visual dentro do território periférico.

Eu acredito que etnograficamente, nós temos uma parcela de produção e circulação que é muito característica e se concentra bastante dentro de uma certa localidade, o que acaba se tornando um recorte muito específico da cidade. Às vezes, gente pensa ela é extremamente plural e que todas as pessoas estão olhando para o que a gente está olhando e não né. Hoje, a gente tem uma comunicação de 25 menos [jovens com menos de 25 anos] dentro das periferias do Rio de Janeiro que não usa o Instagram né. Eles tendem a se comunicar mais pelo *Twitter* ou pelo *WhatsApp*. Então, muitas vezes, não temos uma referência clara que possa catalogar o que está sendo construído por eles. A criação e a circulação de conteúdo por lá tem um aspecto muito mais intuitivo que também não deixa de ser estético também (Pinah, 2024, informação verbal).

Assim, as mídias sociais podem ser reconhecidas não apenas como plataformas de conexão social, mas como espaços coletivos significativos para a expressão cultural e profissional das narrativas de criativos marginalizados que atuam nas áreas de Arte, Moda e Design.

3.3 Afroempreendedorismo

Foi possível ainda identificar que a necessidade de buscar meios de sustento alternativos estava diretamente relacionada à existência de condições econômicas precárias enfrentadas por criativos da periferia. Surge então o afroempreendedorismo – tática de resistência e ativismo para enfrentamento do racismo e valorização das raízes culturais afro-brasileiras, promovendo geração de renda para melhoria das condições de vida da população negra por meio do empoderamento econômico e cultural.

Para Nascimento (2018) e Sellis (2023), o afroempreendedorismo é um conceito que transcende a mera atividade comercial e configura-se enquanto uma estratégia significativa na valorização de raízes culturais negras. Almeida e Sobrinho (2014) o descrevem como um instrumento para mudar a realidade brasileira rumo à democracia racial. Sellis (2023) considera ainda que o afroempreendedorismo evoca debates sobre a reafirmação de uma comunidade historicamente empreendedora, ao desafiar as estruturas racistas que permeiam as formações socioeconômicas contemporâneas.

Nesse sentido, torna-se uma forma de insurgência econômica que desafia a exclusão estrutural, bem como propõe uma redefinição radical das práticas empreendedoras a partir de epistemologias negras, em ruptura com os modelos neoliberais e eurocentrados – que, por vezes, destina à população

negra papéis subordinados dentro da economia, restringindo seu acesso à propriedade, ao crédito e à autonomia financeira. As práticas empresariais, nessas comunidades, estão para além do lucro, ampliando-se e contribuindo em termos de valores estético-políticos substanciais a esses contextos, mesmo enfrentando obstáculos como a falta de recursos, a discriminação e burocracia (Maia, Silva e Almeida, 2021).

Portanto, as táticas ligadas a ciberativismo, quilombismo e afroempreendedorismo emergem como bases ativistas essenciais e suas práticas configuram uma contraofensiva simbólica à colonialidade múltipla – do poder, do saber, do ser – ao afirmarem que corpos historicamente silenciados existem, bem como criam, comunicam e transformam o mundo a partir de seus próprios referenciais.

4. Considerações Finais

O ativismo mostra-se essencial no processo de valorização e promoção de estéticas negras, periféricas e criativas do Rio de Janeiro, historicamente racializadas e marginalizadas na Arte, na Moda e no Design. Nesse sentido, desafia a marginalização ancorada na lógica da colonialidade do poder e do saber, pois questiona quais corpos podem criar, quais saberes são válidos e quais formas de beleza são reconhecidas como legítimas.

A análise das narrativas de Rafaela Pinah e dos criativos entrevistados revelou que as táticas do ciberativismo, do quilombismo e do afroempreendedorismo sustentam e fortalecem práticas ativistas criativas. O ciberativismo amplia o alcance dessas iniciativas, utilizando as plataformas digitais para disseminar informações, mobilizar e conectar online e offline indivíduos que possuem o interesse em participar dessa troca cultural e dela se beneficiar. O quilombismo reforça a identidade coletiva e a memória histórica, conectando as práticas atuais com uma herança de resistência e luta por direitos e reconhecimento das comunidades negras. Já o afroempreendedorismo proporciona meios econômicos e estruturais para que iniciativas de pessoas negras prosperem de forma autônoma, fomentando a criação de negócios que valorizam sua ancestralidade cultural e desafiando os pilares da colonialidade, que historicamente excluíram dos circuitos econômicos formais, relegando-as à informalidade, à precarização e ao consumo subalterno.

Foi possível ainda detectar a interconexão destas formas de ativismo. Este entrelaçamento revela uma ruptura com a lógica fragmentária imposta pela colonialidade do saber, que compartimentaliza os conhecimentos e os desconecta de suas bases culturais, afetivas e territoriais. Além disso, reafirma uma epistemologia de matriz africana, bem como ampara-se na transfluência de um ecossistema dinâmico de criatividade e resistência: as visualidades e

narrativas de Pinah e outros criativos estão carregadas de significados políticos e reivindicam por meio de seus próprios códigos o reconhecimento de representações historicamente excluídas. Por sua vez, tais expressões atuam como formas de insurgência estética frente ao apagamento imposto pela modernidade colonial, que instituiu um cânone artístico branco, europeu e masculino como norma universal.

Torna-se fundamental compreender que estéticas negras e periféricas não podem ser esvaziadas como “tendências” ou fetichizadas sob o rótulo de exotismos em um mercado ainda regido por lógicas coloniais de consumo e apropriação. Romper com a colonialidade da estética exige o reconhecimento dessas produções tanto como expressão cultural, quanto afirmações epistemológicas e políticas que questionam as hierarquias de gosto e legitimidade moldadas pelo colonialismo e pelo racismo estrutural. Portanto, faz-se necessário integrar o ativismo como elemento central na formulação dessas táticas, garantindo que as produções estéticas atendam às demandas do mercado, assim como contribuam para a construção de uma sociedade que valorize os referenciais estético-visuais negros e periféricos, desafiando por meio da criação o pacto colonial que ainda estrutura os sistemas culturais, econômicos e midiáticos.

Referências

ALMEIDA, Caroline Meira Nunes de; HELD, Maria Silvia Barros de. As Novas Narrativas do Funk: *o streaming, a internet e a moda*. **Mediação Social das Narrativas**, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 77-98, jan. 2019. Disponível em: <http://revista.fumec.br/index.php/mediacao/article/view/6960>. Acesso em: 18 jul. 2023.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019. 264 p.

ALMEIDA, Luis Antonio de; SOBRINHO, Francisco Rodrigues da Silva. Um importante instrumento na profunda mudança da realidade brasileira. In: NOGUEIRA, João Carlos (Org.). **Desenvolvimento e empreendedorismo afro-brasileiro: desafios históricos e perspectivas para o século 21**. Florianópolis/Sc: Editora Atilênde, 2014. p. 11-18. Disponível em: <https://reafro.org.br/wp-content/uploads/2023/05/Livro-Desenvolvimento-e-Empreendedorismo-Afro-Brasileiro.pdf>. Acesso em: 20 out. 2023.

BANDEIRA, Suene Martins. **Vestir como cultura: moda e decolonialidade na marca Nalimo**, 2022. 173 f. Dissertação (Mestrado)

- Curso de Design, Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/47162/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20Suene%20Martins%20Bandeira.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2023.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019. 184 p.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CRANE, Diana; BUENO, Maria Lúcia (Orgs.). **Ensaio sobre moda, arte e globalização cultural**. São Paulo: Senac São Paulo, 2012. 272 p.

CRAVEIRO, Sofia Costa; OLIVEIRA, Fernando Jorge Matia Sanches. Contributos dos Estudos de Tendências Para a Definição do Target da Marca de Moda. **ModaPalavra e periódico**, v. 11, n. 22, p. 240-267, 2018.

CURY, Lucilene; FALCÃO, Sandra Pereira. Comunicação/Comunicação Digital — uma análise relacionada ao estar juntos no mundo contemporâneo / C. **Intexto**, [S.L.], v. 17, n. 39, p. 1-29, 23 maio 2017. Faculdade de Biblioteconomia Comunicacao. <http://dx.doi.org/10.19132/1807-8583201739.24-41>. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/67933>. Acesso em: 12 jul. 2023.

DOMINGUES, I.; MIRANDA, A. P. **Consumo de ativismo**. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2018.

DOS SANTOS, Cristiany Soares *et al.* Universidade Do Estado De Santa Catarina—Udesc Centro De Artes, Design E Moda—Ceart Programa De Pós-Graduação Em Moda—Ppgmoda Mestrado Em Design De Vestuário E Moda (Modalidade Profissional).

GONÇALVES, Fernando; MEIRINHO, Daniel. Atravessamentos decoloniais da fotografia contemporânea negra sul-africana. **Galáxia (São Paulo)**, [S.L.], v. 46, n. 0, p. 1-19, jan. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-2553202150376>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/50376>. Acesso em: 19 jul. 2023.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Dp&A Editora, 2006. 102 p.

- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidade e mediações**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- KOTLER, Philip. **Marketing 4.0: do tradicional ao digital**. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2017. 208 p.
- MACIEL, Betania. Redes sociais, ciberativismo e grupos marginalizados: reconhecimento do campo a partir da teoria folkcomunicacional. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, [S.L.], v. 15, n. 35, p. 16-30, 11 jan. 2018. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). <http://dx.doi.org/10.5212/rif.v.15.i35.0001>. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/19095/209209215027>. Acesso em: 28 abr. 2023.
- MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 32, p. e329402, 2017.
- MISKULIN, Ana Paula Silva Campos. **Possibilidades regulatórias para a concessão de uma proteção jurídico-laboral aos trabalhadores sob**. 2021. 300 f. Tese (Doutorado) - Curso de Direito, Faculdade de Direito, São Paulo, 2021.
- MORAES, Dênis de. **O concreto e o virtual: mídia, cultura e tecnologia**. Rio de Janeiro: Dp&A Editora, 2001. 148 p.
- NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- NASCIMENTO, Eliane Q. Afroempreendedorismo como estratégia de inclusão socioeconômica. **PGCS UFES**. 12 a 14 de novembro de 2018, UFES, Vitória-ES.
- NOVELLI, Daniela. **A branquidade em Vogue (Paris e Brasil): imagens da violência simbólica no século xxi**. 2014. 345 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/123183>. Acesso em: 05 jun. 2023.
- PARISER, E. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. 232 p.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América**. 2005

RESENDE, Tamires Parreira; FREITAS, Yarim Mayma Ferreira; OLIVEIRA, Pedro Pinto de. **Ciberativismo Nas Redes Sociais: Compartilhando Mudanças**. In: Intercom – Campo Grande – MS, 2015.

ROMANO, Fernanda Martins; CHIMENTI, Paula; RODRIGUES, Marco Aurelio de Souza; VAZ, Luiz Felipe Hupsel; NOGUEIRA, Roberto. O Impacto das Mídias Sociais Digitais na Comunicação Organizacional das Empresas. **Future Studies Research Journal: Trends and Strategies**, [S.L.], v. 6, n. 1, p. 53-82, 1 jun. 2014. Future Studies Research Journal: Trends and Strategies. <http://dx.doi.org/10.7444/fsrj.v6i1.119>. Disponível em: <https://www.coppead.ufrj.br/wp-content/uploads/2021/09/O-impacto-das-midias-digitais-na-comunicacao-organizacional-das-empresas.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2023.

SANTOS, Angela Moulin Simões Penalva; MOTTA, Marly Silva da. O “bota-abaixo” revisitado: executivo municipal e as reformas urbanas no rio de janeiro (1903-2003). **Revista Rio de Janeiro**: Rio de Janeiro, v. 10, n. 10, p. 11-33, ago. 2003. Disponível em: http://www.forumrio.uerj.br/documentos/revista_10/10-Angela-Marly.pdf. Acesso em: 22 out. 2022.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. Antônio Bispo dos Santos; imagens de Santídio Pereira. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023. 112 p.

SELLIS, Lillian Aparecida Vieira. **Escurecendo sobre o afroempreendedorismo e black money no Triângulo Mineiro**. 2023. 19 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Contábeis) – Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, 2023.

WATANABE, Beatriz Yumi. **Design gráfico situado: o caso da favela santa marta**. 2015. 204 f. Tese (Doutorado) - Curso de Engenharia de Produção, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: http://objdig.ufrj.br/60/teses/coppe_d/BeatrizYumiWatanabe.pdf. Acesso em: 02 fev. 2023.

Como referenciar

DOS SANTOS, Cristiany Soares; NOVELLI, Daniela. Criativos negros periféricos do Rio de Janeiro: vozes ativistas como base para táticas em arte, mode e design. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, pp. 72-91, jul./2025. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>.

DOI: <https://www.doi.org/10.12957/arcosdesign.2025.89553>

Copyright © 2025 Cristiany Soares, Daniela Novelli



A revista **Arcos Design** está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 4.0 Não Adaptada.

Recebido em 27/02/2025 | Aceito em 05/05/2025